



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO IX N.º 217 Preço 1\$00

NOTA DA QUINZENA

Era à tardinha dum dos primeiros dias de Junho. O sol, que fora lume, era agora oiro. Entrava, chegando de fora e nòto ao cimo da avenida um estranho que subia. Não sei porquê, ao mesmo tempo, o estranho volta-se e vê-me e desce. Quando chega à minha beira, estava eu nos estábulos.

Era um homem ainda novo, com um fato de cotim que me pede trabalho na quinta: *tome-me por jornalista*. Eu disse-lhe que não. Que precisamos do trabalho da quinta como se fosse pão dos rapazes. O homem não entende e continua a falar.

Do estábulo das vacas passei para o dos bois. O Bento e Melgaço colocavam braços de serradela nas manjedouras. O estranho, muito triste, espreitava, sem alma de se retirar. Passo-me agora à cozinha. O Chico preparava a comida dos porcos e eu sigo o rapaz às pocilgas. O nosso homem arriscava passos, à maneira que dele me afastava e volta à conversa.

Trazia um saco de linhagem de baixo do braço e sem o pousar reata. Um oceano de tristeza invadia-lhe os olhos. Ele queria ficar na Casa do Gaiato por jornalista. Vinha de longe. Agora começo eu a invadir-me de tristeza: *flere cum flentibus*. Chorar com os que choram. E faço-lhe perguntas. É um caseiro. *Eu faço uma terrinha de 46 rasas*. Por palavras suas e na toada da sua terra natal, o caseiro faz um depoimento natural das dificuldades dos rendeiros que fazem *terrinhas* daquela e de outras rendas. Ele é casado. Tem 3 filhos. *Às vezes coze-se uma fornada e comemos; outras não*.

Este, segundo ele, é o caso mais frequente e era justamente por causa disso, que se encontrava ao pé de mim. Hoje de madrugada a sua mais pequenina levanta-se e foi-lhe pedir pão: *ó meu pai, eu comia um bocadinho de pão!* Não foi sem dificuldade que o homem me repetiu as palavras da sua filha mais pequenina. Primeiro os olhos. Depois a voz. Tudo era embargo.

Tomei-o pelo braço e subimos avenida acima. O sol ia esconder-se. Dentro do meu peito era uma fogueira. Aquele pai heróico tinha atravessado 60 quilómetros habitados e cultivados e não disse nada a ninguém. Trouxe-me aqui o segredo. Deu-me as palavras da sua mais pequenina: *ó meu pai; eu comia um bocadinho de pão*. Pudera ter revelado aos seus vizinhos. Pudera tê-lo feito aos homens que topou no caminho. Pudera, mas não. Veio aqui. Foi mandado a um padre pecador! *Eu ouvi falar de si*.

Uma vez às portas da casa-mãe, subimos. Ele senta-se e eu também. Dei-lhe uma cartinha dirigida ao Presidente da Câmara, a ver se lhe arranja alguns dias de trabalho e d'ora avante, das nossas migalhas

hemos de repartir com ele para que a sua mais pequenina, em vez de *comia*, diga, antes, *ó meu pai, eu estou comendo um bocadinho de pão*.

Pelo exposto to os ficamos a compreender, que a fuga deste homem foi um acto de desespero. Foi a mais pequenina que o fez sair de casa. Em segundo lugar, consideremos que não estamos em tempo de calamidade, quando a fome, em regra, domina. Nada disso. Hoje como ontem, compra-se e vende-se. Os pais casam os filhos. Come-se e bebe-se à carta. Não há calamidades.

Em terceiro lugar consideremos que nisto reside precisamente a nossa desgraça. Todos aqueles actos e contratos vitais, são uma vida aparente. Na realidade, somos mortos. Somos gente morta. Permanecemos na morte. *Quem nos ama, permanece na morte*. Não diz o evangelista que se morre. Não é um acto; é um estado.

O jornalista que perdeu o tino e fugiu de casa por não ter que dar aos filhos, veio por aí abaixo e só encontrou mortos no caminho.

O NOSSO JORNAL

Ainda não chegamos aos cinquenta mil. Estamos mesmo muito longe; trinta e três mil está a ser a nossa tiragem. Porém algo muito agradável se regista; não vem um dia que não traga um assinante. Um e mais. Às vezes uma dezena. Nota-se que ninguém lhes pediu; são eles que querem. São eles que pedem. O apetite vem de lá. Outro facto muito agradável que se regista, é a categoria dos novos assinantes; dos famintos. Ontem eram quatro cartas de quatro engenheiros moradores em quatro avenidas de Lisboa. O nome, a profissão, a avenida, Lisboa. Estes quatro a lerem a outros tantos e os outros a outros. Até aonde chegaremos nós! Eis porque eu pretendo pôr toda a minha alma nas regras deste jornal. Não aceitar anúncios. Não falar de guerras. Não dar notícias do estrangeiro. Não atacar nem defender. Dizer somente o que é como é e basta.

Os nossos livros também andam. O Barredo, vai na sexta folha; deve ser o presente do Natal de 52. O segundo volume do *Isto é a Casa do Gaiato* some-se a olhos vistos. Aos domingos, coloca-se uma estante com deles e postais e é um varrer! Isto quer dizer que as melhores notícias, ainda são as dos nossos irmãos. A maneira mais eficaz de pregar o amor de Deus ainda é pregar e acudir às feridas do Próximo. Não há que sair deste caminho.



Aqui,
LISBOA!

Estava no meu pensamento, entre-gar, no dia dez, mais uma casa do Património à tia Conceição. É uma pobre viuva, mãe de nove filhos, muito honesta, que vive actualmente só, nas dependências gratuitamente cedidas dum casa dum Senhor bom, da terra. Ela deixaria a casa alheia para vir ocupar definitivamente a sua casa. Todos tínhamos grande empenho em que fosse para ela, esta parcela do Património. Conheciamo-la desde o primeiro dia da fundação da Casa do Gaiato. Quando se deitou abaixo o tapume que há dezenas de anos vedava a porta da igreja, no dia da inauguração, esta pobre mulher foi encostar-se ao arco cruzeiro, a chorar: *ai rica igreja, quem te viu e quem te vê!* Era a primeira pobre da conferência. Os rapazes chamam-lhe a nossa santa, no bom sentido, edificados com a sua pobreza e resignação. Na última visita do vicentino que lhe levou a esmola, perguntou mais uma vez: quando é que começam a restauração da igreja? *Ai que eu morro sem a ver como era dantes...*

A tia Conceição é o último pilar dum ponte desfeita em 1910. No vendaval foram-se os quarenta arcos que nos separam dessa época. E tudo se perdeu na voragem.

Só quem vem de fora, pode avaliar a decadência a que pode chegar um povo sem Deus. Estamos a lançar o novo pilar para a libertação de gerações futuras.

Como iamoz dizendo, queríamos ao pé de nós a boa da tia Conceição, tanto mais que, não tendo a Obra da Rua, nenhuma congregação contemplativa a rezar por ela, apenas podemos contar com a oração dolorosa dos nossos Pobres. E esta velhinha sabe rezar.

Fomos dar-lhe a notícia. Recebeu-a com alvoroço. Os olhos arrazaram-se-lhe de lágrimas, mas heróicamente declinou a oferta:

«Há cinquenta anos que vivo neste buraquinho; tenho amor a esta pobreza. O meu Senhor também quer que eu aqui viva até ao fim da vida que pouco mais pode durar. Padre, a casinha dos pobres está um primor; eu não sou digna dela. Dê-a a outro pobre.» Não insisti; nós não temos o direito de cortar as asas à águia que sabe voar nestas alturas.

A casa vai ser dada, ou já está dada a outra pobre viuva, atirada desumanamente para a rua, por uma nora endurecida.

E pronto. Vamos começar com a terceira apesar de termos esgotado com esta, todas as nossas reservas. Por agora dispomos apenas dum pulseira de ouro que nos foi enviada de Montemor o-Novo, para os alicerces da terceira casa.

Não tardará aí quem nos mande para a pedra, telha, etc. etc. Até já me consta de alguém que pretende tomar à sua conta, uma ou mais casas...

A esquadria desta segunda foi primorosamente executada e oferecida pela serração do Senhor Carvalho de Monte Redondo, que pôs toda a sua devoção na oferta. Os lençois, cama, cobertor, crucifixo e Bíblia, foram também ofertas anónimas. Tivemos mais 100 da Av. Casal Ribeiro, para o Património.

Para os pobres nossos e da Conferência vieram: 50 dum figueirense; para a família dos doze filhos mais 50 e 20.

Fui entregar tudo. Na casita encontrei apenas seis dos mais pequenitos.

A mais velhinha, aí dos seus dez anos, tinha à volta de si os cinco restantes irmãozinhos aos quais estava a ensinar o catecismo. Achei o quadro enternecedor e dei graças a Deus por me deparar uma família tão cristã. Nem podia deixar de o ser.

Dias antes, quando, por engano, tinha ido perguntar, noutra número, se era ali que morava o pai de doze filhos, a senhora que veio à escada, aperta as mãos à cabeça e exclama apavorada: — Doze filhos? Ai que horror!!

Logo vi que ali não morava Cristo.

Continua na quarta página

UMA SENTENÇA

É do Tribunal de Contas—Ei-la:

Para os devidos efeitos tenho a honra de comunicar que o Tribunal de Contas, em sua sessão de 27 do corrente, deliberou que, dada a natureza dessa instituição, não há que sujeitar ao julgamento do mesmo Tribunal quaisquer contas.

Não tem, portanto, que remeter a esta Direcção—Geral a conta do ano de 1951, nem quaisquer outras.

Não é protecção. Não é favor. Não é simpatia. Muito menos privilégio. Não podia nunca ser uma coisa nem outra. Trata-se de um Tribunal. Ali são juizes. A natureza da obra responde a natureza da justiça. Eis.

A caminho de ULTRAMAR

A caminho, digão, porquanto já estamos a lavar as cestas. Júlio é quem escreve e responde à Companhia Nacional sobre a matéria dos documentos e o mais que é necessário para sair do reino. Sim. Conquanto tudo seja Portugal, ainda não chegamos à perfeição de se tirar bilhetes para aquelas terras, como se faz aqui, para qualquer uma, nas bilheteiras da C. P.

O paquete é o *Quanza*. A saída deve ter lugar nos fins de Julho.

Ontem estive aqui uma sereia, na figura de um homem, que há trinta e cinco anos habita na Costa Ocidental. Era uma sereia. Ele sobe ao segundo andar da casa-mãe, instala-se numa cadeira de braços, estende as pernas, puxa dum charuto e começa a cantar: vá. Não tenha medo. Todos nós o esperamos. Eu vou daqui por dois dias e começo já a falar. Não receie. Nós somos mais portugueses lá do que por cá. E cantava. A sereia cantava.

Do Lobito são 1300 quilómetros a Teixeira de Sousa. Os directores do caminho de ferro dão-lhe um passe. Você desce e demora-se em Ganda, Nova Lisboa, Silva Porto, Vila Luzo, Benguela. Não esqueça Moçamedes. Teixeira de Sousa, paga-lhe o bilhete para Elisabeth Ville. Ali, uma grande colónia de portugueses espera. Eles, como nós, também estão em casa. Eles, lá, são mais portugueses do que nós somos na nossa Costa. Quanto mais afastados, mais portugueses.

Venha daí. Não tenha medo. Este era o remate da sereia. Eu estava um nadinha afastado e ouvia. Tudo aquilo era verdadeiramente sedutor. Porém os anos e os calos não me deixaram cair na tentação... A sereia foi-se embora. Eu também me retirei. Quando chegar o dia, veremos.

EXCURSÕES

Nos meses de Maio e Junho é raro o dia em que nos não visitam alunos das escolas primárias, seus professores à frente. Hoje era um mundo; escolas de Leça do Balio. Ontem pior; escolas de Rio Tinto. Noutros dias, outras.

Algumas trazem seus mealheiros; das de Rio Tinto, passou de 500\$00. Todas deixam ficar os simpáticos tostões das crianças. Os professores compram livros e postais e deixam ficar também algo da sua heróica pobreza.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Ultimamente temos recebido cartas de párocos, aonde nos pedem planta das casas do Património e o seu regulamento. A alguns sítios, por mais perto, e porque o pároco também pede, temos ido pessoalmente ver terrenos e encorajar. E' o sol a nascer!

Por todo o mês de Junho, vamos entregar quatro vivendas; duas em S. João da Madetra e duas no lugar de Ribas, freguesia de Lagares, concelho de Penafiel. Temos pedido e esperamos que o povo daquelas freguesias comungue na festa e encha as moradias de mantimentos para um mês; e que dê a cada habitante uma pequena quantia; e que se junte em comissão, para mobilizar as casinhas de peças indispensáveis e adequadas.

Ontem fui ver; andavam oito pedreiros a cortar pedra no local aonde havemos de levantar seis delas, o qual foi oferecido pelo pároco da freguesia. E' o Padre Carlos, de Gandra de Cabeça Santa, Concelho de Penafiel. Uma estrada atravessa o terreno e nós propomo-nos levantar 3 vivendas em cada margem. Ali perto há água. Os vizinhos ficam a cem metros. Assim como aqueles, também estes futuros habitantes do bairro, hão-de ter o seu quintal. E' numa encosta lavada de ventos e de sol. As torres de quatro freguesias espregitam; S. Paio, S. Vicente, Valpedre e Santo Estevam. Oxalá os habitantes delas venham a cair na tentação. Padre Adriano tem a segunda casa nas telhas e com certeza não fica por ali. Elas são mais caras; ficam por uns 20 contos.

Materiais e sobretudo os salários, levam o custo àquela soma. Mas ele contenta-se com a duzia. A duzia é o nome sedutor. Por cada uma que lhe ofereçam, ele levanta uma casa. Terreno não nos falta. A Câmara de Loures deu. Dizem que as sereias cantam e encantam; eu quisera que este apelo fosse um canto de sereia! Uma duzia. Uma casa ao Padre Adriano.

Padre Horácio, como tem de concluir as obras da Casa do Gaiato, fica este ano nas cinco; mas isto não é parar. Também ele tem necessidade de duzias; e dentro de breves meses, continua.

Chegou a hora. O clamor dos habitantes da toca, qual sangue inocente de Abel, tem chegado ao Seio do Pai Celeste e causado no mundo o descontentamento: eu ia a dizer o desespeio e a revolta... Dê-se a cada um o mínimo que a cada um pertence.

Casas. Mais casas. Muitas casas. Cresça o entusiasmo em cada freguesia do nosso país.

Ainda ontem era uma do jovem pároco de Marinha Grande. Carta explosiva:

«Venho torná-lo participante da alegria que neste momento sinto: chegou a hora de se erguerem casas para pobres na Marinha Grande. A primeira e a maior dificuldade está vencida. Apareceram já os primeiros terrenos; uma oferta particular e agora a oferta da Câmara Municipal, de que ainda não temos comunicação oficial, mas já sabemos de fonte segura que é uma realidade. Louvado seja Deus porque a onda de caridade que rebentou em Paco de Sousa vai alastrando por Portugal inteiro, atingindo agora esta freguesia onde tanto há que fazer

para que cada um dos nossos irmãos pobres tenha aquilo que lhe é indispensável para viver».

Nós tínhamos ali estado com uma festa e no palco falei de casas. Necessidade de casas. Abaixo as tocas! Muitos estranham. Acham a palavra dura. Recebi, na volta, uma grande carta a qual, por grande, não li. Avelino tirou-a do cesto e leu. Era de alguém que se queixava da minha infelicidade. Mas eu continuo a falar. Continuo a ser infeliz. Ai de mim se não disser!

Marinha Grande vai ter casas próprias. E' necessário que os séculos de labor naquela vila, levantem e dignifiquem o homem; e há deles que vivem ali com animais, como os animais!

Que os responsáveis não sejam de viário. Que não se melindrem. Que não tenham medo de ouvir. Anda o mundo tão afeito e gosta tanto da mentira, que se alguém diz a verdade, esse é logo assinalado e vai prá ficha!

Agora

Vamos hoje fazer uma procissão de poucos, que estes, d'hoje, valem por muitos. Pró quê veja-se.

À frente, vão as duas casas do lugar de Ribas, freguesia de Lagares, concelho de Penafiel, as quais foram retiradas das minhas costas por um senhor que se ofereceu. É um negociante da cidade do Porto. Negociante de muita categoria.

Ali ao pé, são as pedreiras de onde tem saído muito material para importantes obras que o senhor vem realizando. Obras dele, para ele. E hoje, dá-me a notícia que deseja fazer suas as casinhas do lugar. É um negociante de nomeada. É um senhor feliz. É um homem de equilíbrio social. Assim está certo. Nomes? Não há. Bastam as obras.

Que todos quantos andam hoje ocupados na construção de casas para si, façam ou ajudem a fazer uma casa para outro.

A seguir a este Devoto, segue alguém com mais uma. É um senhor das Águas e Saneamento de quem já se falou aqui. Ele tinha dito a um dos vendedores que havia de oferecer uma casa para os pobres e apareceu aqui a cumprir. Era ele e a família. Perguntei se o dinheiro foi por subscrição e ele disse que não. É um Funcionário da Câmara do Porto!

Com estes dois vai aquele Ninguém de algures com mais cinco mil escudos, à conta da dívida de 130 contos. Já tinha dado 4. Hoje dá 5. Mais do que simples dívida, trata-se de um voto. Voto feito no momento da oração em Fátima! Quantos e quantos se não fizeram naquela mesma hora! Era o vento. O vento soprou em Fátima. O vento sopra aonde quer e ninguém sabe de onde ele vem.

E para que a d'hoje seja até ao

BARREDO

No domingo de páscoa deste ano, um dos nossos do Lar do Porto, pediu-me se podia ir passar aquela tarde na companhia de sua mãe Nada de mais próprio. Nada de mais humano. O rapaz foi. Dias depois, perguntei-lhe como tinham sido aquelas horas. Eu conheço a casa. Conheço o sítio. Sei de tudo. E vim a saber do próprio que ele não tinha estado ali. Como tem parentes no bairro da Corujeira, dirigiu-se a casa deles e de lá manda recado à sua mãe; e foi ali que este meu rapaz fez a Páscoa de 52! *Eu já me não dou naqueles sítios.* Este sítio, é o lugar aonde ele nasceu, de onde veio para a Casa do Gaiato e aonde a sua mãe habita.

Poderia referir casos semelhantes, de outros rapazes vindos daqueles sítios e que hoje por nada do mundo desçam regressar.

Isto é uma voz. Isto é um aviso.

Aquele rapaz ama a sua mãe; tanto, que se dirige a mim em tom de confiança e pede para ir passar com ela a tarde do domingo de páscoa. É um rapaz cristão. Escolhe aquele dia. Assinala aquele dia. O ano tem 52 domingos. Por mais nenhum me pede; só aquele. Domingo de Páscoa. Outra prova do seu cristianismo está no facto acima apontado; ele convida a sua mãe a ir ter a um sítio decente e ali, juntinho dela, passa decentemente o dia de Páscoa. Não quer lugares sujos. Ama o sol. Procura a luz. Outra voz. Outro aviso. Diria mesmo outra sentença! *Esta gente da rua começa a julgar-nos! Não me dou naqueles sítios.*

Ontem, como ia ao Barredo, deu-me para atravessar o túnel. Gostei. É uma obra perfeita. Era preciso. Todos colhem os seus frutos. Enquanto ia e muita gente também, recordei que por sobre o túnel e justamente a condizer com a sua extensão, ficaria a matar um friso de casas novas. No topo, temos a Sé Catedral. Um nadinha abaixo, o paço que foi dos bispos. Outro nadinha, o actual seminário, agora de cara lavada e roupa domingueira. Os Guindais a um lado. O largo da Ribeira a outro. O Douro aos pés. Eis o caixilho. Que venha a tela. Tela viva, a semear a vida, aonde hoje campeia a doença, a miséria e a morte. Eu acho tudo isto tão fácil! Eu era capaz de dar o risco, se alguém me quisesse ocupar. Quando foi da nossa aldeia tirei tudo do inédito. Enquanto escrevia as linhas mestras, via a obra realizada! Dizem que os Músicos se ouvem ao escrever e eu acredito. Eu via tudo. Eu ouvia tudo, ao dar o plano ao arquitecto. Sentir é que não. Isso é agora.

Sim. Faça-se a tela. É mais fácil do que o túnel.

Desta sorte, serviremos o ideal deste meu e doutros moços cristãos, que têm amor ao sol e ao espaço e detestam a imundície. *Eu já me não dou naqueles sítios.* Preparemos terreno. Façamos cristandade para usar a frase dos nossos Maiores.

fim uma procissão cheia, vai aqui a participação do Fundo do Desemprego relativa ao lote de casas do ano pretérito—108 contos.

Somado tudo, ficamos à distância de 732 contos. Já faltou mais.

*** Zé Eduardo pediu licença e eu deixei-o ir ao Porto à inauguração do Estádio. No fim regressa ao Lar, aonde pernoita. Depois da ceia, pede ao chefe para sair um bocadinho e este diz-lhe que não. Não. Agora não sai ninguém. Zé Eduardo, que costuma ser delicado, foi o mais uma vez e não saiu. Às horas, Zé Eduardo foi-se deitar e toma um livro de leitura. Veio o tempo de apagar as luzes. O chefe entra, indica e diz que são horas. Zé Eduardo continua a ser delicado e faz menção de obedecer. Neste momento, o chefe nota um pacote de três vintes debaixo do travesseiro e nota mais que Zé Eduardo se prepara... Não. Aqui não fumas. Zé Eduardo descarrilou! Que pode fumar sim senhor. Que fulano «eu» deixa-me fumar em Paço de Sousa. E diz. E diz. E diz. Carlos Gonçalves ouviu e não disse nada. Manteve as ordens e Zé Eduardo manteve-se. Ora eu fiquei muito contente quando soube. Se não fosse o pulso deste e doutros chefes, mal iria a Obra da Rua, só com a minha pessoa à frente. Eu cá não era capaz de tanto, nem de metade, nem de nada. O Zezinho Eduardo teria saído e teria estado a ler até quando lhe desse na gana e teria fumado e eu achava tudo muito bem. Assim, não. Viva o chefe do Lar do Porto, o Carlos Gonçalves.

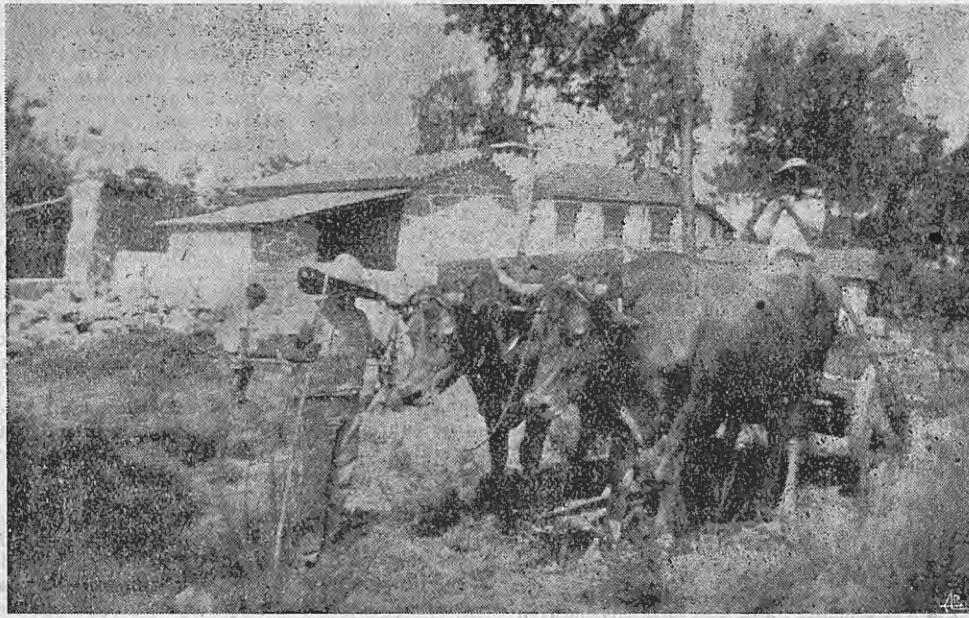
*** Ontem, domingo, como de costume, foi aqui o fim do mundo; camionetas e automóveis sem conta! Eu estava junto do Presidente, quando surge um dos tais, na volta da avenida. O rapaz estremece e pede-me que diga a um cicero para ficar no seu lugar enquanto ele vai tomar conta. E sem esperar resposta, larga. O carro era um De Soto; um De Sotão com almofadas, com tapetes e tudo; e no sítio a chapa do Brasil, que foi o que deu nas vistas e irritou o Presidente. É que na véspera tinha estado um igual e eu fui e aceiei dois contos. Ora Presidente soube, ficou aferroado e jura-me que o primeiro que aparecesse com chapa do Brasil, havia de ser para ele e que também havia de acaçar dois contos. O carro aparece. Presidente vai. Até aqui tudo muito certo só no acaçar é que não; deram-lhe 120\$.

*** As pombas que fizeram ninho no escritório do Júlio, têm actualmente dois borrachos. A bandeira duma janela fica sempre aberta e é por ela que os pais entram e saem. Assim fizeram o ninho. Assim chocaram os ovos. Assim alimentam os filhos. No princípio, os rapazes do escritório, colocaram à mão materiais para as pombas fazerem o ninho e elas deixavam ficar e iam por longe escolher à sua vontade. Agora os mesmos rapazes, que não souberam tomar a lição, colocam junto do ninho comidas e elas, as pombas, deixam ficar o que está e vão por longe, buscar o que lhes apetece para dar aos seus filhos. É a natureza. É a iniciativa. É a vida tal qual.

*** O nosso pavão anda triste. Quere-se armar mas não sabe a quem; falta-lhe a sua companheira. Os rapazes, por sua vez, andam tristes; gostavam de ver o pavão armado e ele agora não o faz. Eu espero que os senhores tenham pena de todos nós e nos mandem na volta alguma coisa.

*** Um dos batatas fazia de cicero a um grupo de rapazes e raparigas; era um colégio. Passam pelo sítio aonde estão livros e postais à venda. Um pequenino visitante toma um livro e pergunta quanto custa. O batata, por ter ouvido dizer que os postais são a 2\$50, diz-lhe esta mesma quantia. Uma moeda de prata passa

Isto é a Casa do Gaiato



A vida das nossas casas não seria espumante se lhe faltasse o concurso dos animais.

para as mãos do vendedor. O comprador toma o livro e desanda. A inocência! Jamais se fez aqui na aldeia um tão formoso negócio!

*** Patos é a maneira genérica de dizer, mas o assunto em causa é uma pata. Uma pata que está chocando os seus ovos. Outras têm tentado, mas os rapazes, sobretudo os mais pequenos, não deixam que ela o faça. A vista dos ovos tenta. Eles mexem e remexem. Tiram e levam à senhora. A pata faz outro ninho e nisto se vai a ocasião de chocar. Mas agora não. O ninho é mais escondido. A pata não o larga e bufa se os rapazes se aproximam. Está em plena incubação. Ora é justamente nesta altura que eu tenho de interferir e assim fiz. Primeiramente aos deles mais pequeninos e depois aos médios. Aos grandes não é preciso. Para ser mais eloquente, fui pessoalmente ver o ninho entre silvas, encostadinho ao muro da nossa quinta. Estava a pata no seu lugar. Não deu licença que eu me aproximasse. Exalta-se. Defende. Sente-se mãe. Depois de ter visto este quadro de beleza e enquanto regresso aonde o tribunal vai ser, considero a lição desta ave tão atrasada que nem é capaz de grandes voos; ela defende os seus filhos embrionários... Ela ensina. Ela denuncia... Se o mundo não aceita nem acredita no Decálogo, que ao menos saiba olhar para o que a pata diz.

Uma vez o tribunal reunido, eu levanto a voz e digo quão bonito não seria deixar sair a pata do seu ninho mais os seus pequeninos, em vez de botar nas galinhas os seus ovos e ver assim ninhadas sem mãe. Pinteí mesmo um quadro, usando palavras em vez de pincel, e coloquei à frente a pata e os seus pequeninos atrás, todos em bicha e felizes e contentes, cada um chamando pela mãe e a mãe respondendo a todos com suas maneiras e linguagem próprias. Falei dos nossos lagos feitos pelo Abel e pelo Rodrigo, agora rodeados de plantas e de flores, aonde se deleitam gansos e os outros patos, muitos deles, de muitos tamanhos, de que a nossa aldeia se goza. E disse. E disse. E disse.

*** Já que falamos nestes alados, eu vou dizer o que aqui aconteceu na maré do último ensaio para a célebre festa do Coliseu. Era à tardinha. A enxurrada dos rapazes senta-

va-se em grupos nas escadas da capela, nas escadas do refeitório e nas ditas das escolas e ainda muitos nas do cruzeiro. Elas são muitas mas os rapazes são mais. Ocupados como estávamos nos ensaios e cada grupo com seu grupo, eis que assoma na avenida, vindo dos lagos, um grande batalhão com o "Zé Ganso" à frente. Eu c. ntei. Eram vinte e sete de várias ninhadas. Tinham gasto o dia a seu modo, e agora dirigiam-se à capoeira. Daí a nadinha "Zé Ganso" e Sêquito passavam por entre os grupos de rapazes. Tinha-se feito silêncio; apenas um rapaz balbuciou a medo que vinha lá a banda da Guarda Nacional Republ canal! O silêncio que até ora se fizera, é interrompido por uma estrondosa salva de palmas. A banda ficou um nadinha desorientada e hesitante se havia de prosseguir ou retroceder. Todos os seus membros, sim, andam afeitos a ver rapazes, mas daquela maneira, não. "Zé Ganso" decide-se. Todos os patos o seguem e a bicha passou. Isto não podia ir, naturalmente, para a festa do Coliseu, conquanto tivesse feito parte do último ensaio; que, se pudesse, teria sido o número de arrebatamento.

*** Enquanto estávamos com os alados, eu vou dizer mais. Tendo nós falado aqui das pombas e nos borrachos do escritório do Júlio, sucede que vários excursionistas têm perguntado e querem ver. Da última vez, era um grupo de vinte costureiras e invadiram o escritório e tomaram as pombinhas na mão! Que mal nos não iria se nós fôssemos da gente que diz e não faz?

P. S.—Zé Eduardo, muito entristecido, acaba de me informar que apareceu morto um dos borrachinhos; e eu, muito entristecido, dou aqui a notícia.

*** Se a minha palavra teve algum dia préstimo, jamais como hoje eu queria que ela o tivesse; e é neste espírito que eu venho aqui falar aos directores da Federação Portuguesa de Futebol. É sobre os horários. Horários dos jogos. Nós aqui em Paço de Sousa, jantamos às seis e meia. Meia hora depois está tudo limpo; nem migalhas! Ora durante esta meia hora eu venho pedir às senhores que não marquem nenhum jogo em nenhum campo dentro dos muros de Portugal. Eu vou dizer:

No dia de Camões, estava eu no meu escritório, quando oiço um grande estouro na sala onde os rapazes comiam, logo seguido de um outro, e este muito maior. Não me tive que não fosse ver. Chego à porta e soube que tinha sido o Sporting. Os rapazes desta cor erguem-se, mal me vêm, levantam os braços e levantam a voz e repetem o estrondo que eu ouvira em cima. Os chefes pedem comida, e os serventes de mesa não atinavam com os rapazes. Notam-se vários pratos de sopa entoados. Eu fugi apavorado e dirigi-me ao meu refeitório a ver se comia alguma coisinha. Sento-me. Espero. Quando vejo entrar o meu refeiteiro e pensando que ele trazia a terrina, enganei-me. Não trazia. Ele não podia trazer nada. Andava mas é carregadinho de entusiasmo. Ele é sportingista e chega-se à minha beira a berrar: *Mais um!* E larga para ao pé dos seus companheiros do refeitório grande e eu não comi nada! Senhores directores da Federação; por quem sois. Pelas vossas famílias. Pelos vossos amigos. Pelas vossas noivas. Por todos e por tudo, deixai-me comer!

*** Mas há mais. Ele há mais outras desgraças ligadas a este estado de coisas. São os rapazes do grupo que perde. Naquele dia de Camões perdeu o Porto. Uns e outros estavam à mesa, e se uns, por alegria comem pouco, os outros, por tristeza, não comem nada. Foi isto mesmo que aconteceu no dia de Camões. Uma tal tristeza invadiu o semblante dos daquele grupo, que eu sem ser dum noutro, também fiquei triste. Ora o refeitório é lugar impróprio para tristezas. Não gosto de ver ninguém triste e nunca naquele lugar e àquela hora. Por tudo isto e muito mais que aqui não vem, espera-se uma resposta favorável.

*** A vaca da conferência chegou. Foi buscá-la o Arouca. E' de Anadia o senhor que no-la deu. Espera-se brevemente uma cria e então teremos uma fonte de alimento para os pobres da nossa conferência.

O «Correio de Coimbra» daquele dia, dá a notícia:

O Bispo de Barcelona, Mons. Modrego y Casaus, fez-se pioneiro entre os seus diocesanos de uma arrojada iniciativa para perpetuar na capital catalã a memória do XXXV Congresso Eucarístico Internacional. Segundo escreveu, não quer coisas teóricas, mas muito concretas. Eis a sua proposta:

«Por contributos voluntários de 100 000 pesetas, e no princípio da lista estamos nós, reunir uma forte soma para construir grupos de habitações para operários. Espero por mil famílias, que me dêem cada uma 100 000 pesetas.

Quantas misérias vamos remediar! Eis o melhor dos monumentos!

Poderá a nossa cidade realizar este esforço? Se pode, deve, porque reclamam no a gravidade do mal que temos de remediar, e a homenagem sincera que queremos oferecer a Jesus no sacramento do seu amor».

E «O Gaiato» transcreve. Nós precisamos destas realizações. Por elas, afirmamos a presença real de Jesus no sacramento da eucaristia; e o mundo acredita; e a humanidade salva-se. Quantas misérias vamos remediar!

ATENÇÃO!

Ainda restam alguns exemplares do II volume do «Isto é a Casa do Gaiato».

PELAS CASAS DO GAIATO

S. JOÃO DA MADEIRA «Uma excursão» Apesar de estar nas horas da agonia, não posso deixar de relatar o passeio que o Externato Castilho nos proporcionou. Esta excursão que nos fica gravada na alma, só foi possível graças à boa vontade e sacrifício da Ex.^{ma} Direcção daquele estabelecimento que, vencendo todos os obstáculos que se opuseram, conseguiu levar os seus alunos até ao País vizinho.

Saimos às 7 e 45 em duas camionetas da Empresa de Transportes Gandra L.d.^a Uma ia repleta de meninas; a outra transbordava de rapazes. Acompanhamos os Ex.^{mos} Srs. Dr. Vasconcelos e sua esposa, Dr. Inácio e esposa sua, Rev.^o P.^e Soares de Pinho, Prof.^a D. Amelinha, o Instrutor da M. P. Sr. Gonçalves e outros. A viagem apresenta-se nos assaz satisfatória e a testemunha desta satisfação vem ao de cima com os cânticos que entoávamos dos quais sobressaem, como é de esperar, os hinos do Colégio e da Mocidade Portuguesa. Os nossos olhos começam a chamar-nos à atenção para contemplarmos a cidade Invicta, para a qual não encontro adjectivo a atribuir-lhe (já sei que com isto ficaram a saber que sou do Porto; pode ser que não tenham dado por ela). Quando chegamos à ponte de D. Luís já fomos um pouco roucos. Mas não desanimámos e enquanto se ia esgotando o nosso repertório de canções, começava a despontar ao longe a formosa e encantadora praia da Póvoa de Varzim. Aqui paramos para tirar umas fotografias, passear a Vila e comprarmos um viramento. Era chegada a hora de retomarmos os nossos lugares e por isso apressamo-nos a deixar esta *nesga* de Portugal. As lindas paisagens despertam agora o nosso interesse. O Minho é uma bela região. Sentimo-nos orgulhosos de ser portugueses. Eis Viana, a «Primeira do Minho». Já quase não podemos falar pois as meninas tentam cantar mais do que nós. Vamos tomar um cafézinho e procurar levar uma recordação desta maravilhosa cidade; é uma pandeireta. Dirigimo-nos agora a Caminha mas ainda lá não somos chegados quando avistamos uma bela sombra que nos convida a almoçar. Não hesitamos e fomos tomar a primeira refeição. Falou-se de princípio a fim e bem lá ficávamos se as horas não avançassem. Foi na verdade um almoço alegre.

Mas a viagem continua e depressa chegamos a Valença. Aqui compramos uns postais com a vista de Tuy e tomamos umas bebidas pois o calor perseguia-nos. Entramos finalmente na Ponte Internacional aonde todos começam a puxar por uns cobres para trazer uma recordação de *nostra* vizinha Espanha. Pomo-nos em contacto com os espanhóis. Tentamos arranhar um pouco naquela língua. Este compra uma carteira, aquele traz uma caneta, esta um lenço, etc. Viemos de lá depenadinhos. Despedimo-nos da cidade espanhola que nos agradece a visita. Os comerciantes saudam-nos: *Buenas tardes, muchas gracias*. A noite ameaça-nos e aconselha-nos a jantar debaixo duma árvore a uns quilómetros antes de Braga. As malas começam a ficar vazias e os garrafas ávidas de vinho. A viagem faz apetite. Eu, por mim, tentava dar uma lição de comer; não é de matemática nem de física: é de comer...

É tarde e num lapso estamos em Braga. É já de noite mas isto não impede que vamos dar um passeio. São horas de regressar e as camionetas põem-se em andamento. Cantamos as últimas quadras. Já não fazemos barulho... Estamos sem voz. Por entre a claridade que os lampiões irradiam, com os olhos semi-cerrados, avistamos de novo e com certa satisfação, o nosso Colégio. Procuramos tocar as últimas palavras mas não nos entendemos.

Despedimo-nos e agradecemos aos estimados professores, e fomos descansar.

Seríamos ingratos se não mostrássemos o nosso reconhecimento à Ex.^{ma} Direcção do Externato Castilho pelo esforço e boa vontade que nos dedicou. Todos os alunos mas em especial nós, os dois gaiatos, queremos deixar aqui vincado o nosso reconhecimento. O Colégio deu-nos, em especial, outras facilidades.

Bem haja e que Deus a proteja são as preces que oferecemos à Direcção do Externato Castilho de S. João da Madeira.

CARLOS INÁCIO

A nossa Conferência vive de 60 subscritores, e de algumas esmolas particulares. Temos uma senhora muito amiga dos nossos pobres, pois para as casas do Património dos Pobres já ofereceu 1 cama de ferro, um grande acafate cheio de géneros alimentícios e uma mesa. São duas as casas para os pobres, mas só temos ainda uma cama. Ambas as habitações se encontram quase prontas. São duas casas, mas poderemos construir mais, para esse fim têm a palavra os assinantes de S. João da Madeira.

Pagamos a renda de casa a 5 pobres, pagamos também a mercearia todas as semanas. E com a ajuda de Deus, a nossa Conferência prossegue na cruzada de bem-fazer.

Encontramos nos neste Lar 15 rapazes, vindos das casas de Paço de Sousa, Miranda do Corvo e Coimbra, todos eles trabalham na indústria, excepção feita ao Faisca e Carlos Inácio, que andam a estudar.

Este Lar do Gaiato é muito pouco conhecido dos nossos assinantes e leitores, pois é raro recebermos visitas e ofertas.

O tempo do nosso recreio é passado a jogar a bola, e este nem sempre. O que em campo,

p... ia a dizer ping-pong, mas não é verdade, não temos bolas. Temos também uma biblioteca com alguns livros, revistas e almanaques.

Peço aqui aos nossos amigos que nos enviem roupas, calças, livros, medicamentos, jornais, desportivos como «a Bola, Mundo Desportivo» e outros. Nós tudo aceitamos e tudo agradecemos.

Os nossos pobres tudo necessitam e tudo agradecem.

Terminando esta crónica, peço aos amigos do famoso que tenham recebido mais do que um exemplar do I volume do «Isto é a Casa do Gaiato», se nos possam dispensar um ou dois exemplares do dito livro para servirmos um nosso amigo de mu to longe.

Mesmo agora o Manel Risonho me chateou para pôr no jornal a pedir pombas. Diz ele que o seu passatempo é as pombas. Pombas em todas as nossas casas. Mandem amigos leitores, que o Risonho reconhecido agradece.

MANUEL PINTO

TOJAL A segunda casa do Património dos Pobres foi hoje entregue a uma pobre.

Ela antigamente tinha uma casa, mas morreu-lhe o marido e ela foi viver com uma filha. Esta filha morreu também e foi viver com um sobrinho. Este morreu também e procurou ir viver com uma nora. Mas esta é mulher muito má e não a quer em casa. Tem-na posto na rua pelo que se viu obrigada a pedir pelas portas e a dormir onde calhava.

Terminou hoje o seu martírio.

A casa é hoje bonita que a outra. Chamam-lhe o Chale dos Pobres. Escolhemos o dia de hoje por vir cá uma grande representação da Fábrica A. P., de balanças.

Era um cortejo imponente. À frente vinha um motociclista; a seguir uns carros da fábrica e uma furgonete com dois sacos de arroz e outros de farinha. Atrás vinha um autocarro cheio.

Apaream-se e foram colocar um retrato do Senhor Padre Américo no refeitório e seguimos depois para o campo de jogos do Tojal. O nosso grupo bateu-se com o grupo de reservas da Fábrica.

A princípio eles estavam a brincar conosco, mas para o fim, aquecemos e eles já queriam meter golos mas não eram capazes. Na primeira parte metemos uma bola nas redes; na segunda empataram eles com um penalty. Os jogadores usaram todos de máxima delicadeza desportiva. Terminado o jogo, foi tudo ao almoço. De tarde juntaram-se todos no refeitório. Um chefe de secção fez um discurso louvando a Obra da Rua e terminou destapando um retrato do Senhor Padre Américo desenhado por um artista da fábrica.

O Senhor Padre Adriano agradeceu a visita e as ofertas explicam a vida das Casas do Gaiato.

A seguir é que o Chefe-Geral da A. P. foi entregar a chave da nova casa à pobre, com estas palavras:—«Tiazinha, logo à noite peça a Deus que faça dos rapazes do Padre Américo, uns homens dignos de louvor»—Muitos choravam comovidos.

Os foguetes estalavam e os sinos tocavam. Às seis horas, um cortejo realizou-se, levados todos em solene e grande alegria.

Cá em casa deixaram a dita mercearia, vários embrulhos e 420\$00; e na Casa dos Pobres ficaram muitos pacotes, azeite, batatas e a saquinha com algum dinheiro.

Nós fazemos votos para que a fábrica A. P. que foi a primeira a dar trabalho aos nossos rapazes, e que sempre os tem tratado bem, faça cada vez mais progressos. As balanças, medidoras e mobiliários de ferro honram a Nação em toda a parte.

CARLOS ALBERTO LOPES

MIRANDA DO CORVO No dia 3 de Maio, organizou-se a peregrinação vicentina das Casas do Gaiato, a Fátima, e várias outras do país. A peregrinação dos nossos vicentinos decorreu sem o menor incidente. Partimos daqui por volta das duas horas, direitos a Condeixa e Pombal onde começámos a rezar o terço e a cantar alguns versos à Virgem. Chegado a Leiria, tivemos a primeira paragem para merendarmos; depois seguimos para a Batalha afim de visitarmos o grande mosteiro. Quando chegámos à Cova de Iria já eram perto das seis horas e logo fomos visitar a Senhora à Capelinha das Aparições e à Basílica e comprar as medalhas vicentinas. Enquanto passeávamos chegáramos em grande número os vicentinos do Tojal e dois automóveis conduzidos pelo sr. P.^e Adriano e pelo Pedro. Em seguida chegáramos ao Lar de Coimbra que vieram de camionete. As oito horas fomos jantar e no fim fomos passear a Cova de Iria. Devido ao mau tempo não houve procissão das velas mas assistimos à missa da meia noite e rezámos com muito fervor, durante a qual houve cumunhão geral. No dia seguinte dia quatro, reunimo-nos para tomar o pequeno almoço, e em seguida fomos fazer uma reunião entre as de Miranda, a de Coimbra e a do Tojal; é pena que não estivéssemos presentes as do Norte porque assim poderíamos tratar melhor os assuntos das nossas conf. Durante a reunião falaram os presidentes das conferências.

Falaram de como elas iam correndo. Finda a reunião fomos assistir à procissão de Nossa Senhora,

que veio da Capelinha para a Basílica, e depois fomos para a reunião geral dos vicentinos. Finda esta seguiu-se a missa dos doentes e a procissão do Adeus e depois regressámos a rezar o terço e a cantar agradecendo à Virgem os favores que nos tem prestado, e oxalá que para o ano nos encontremos todos e que para o futuro possamos melhor auxiliar os nossos pobres. —Um exemplo de dois batatas Há dias o Zéca e o Russo andavam a varrer uma das ruas e ouviram bater a Trindades e assim que ouviram as badaladas deitaram as vassouras para o chão e começaram a rezar de mãos erguidas as três Ave-Marias e as três glórias à Santíssima Trindade. O nosso chefe que presenciava de longe ao ver a acção ficou admirado e satisfeito com este grande exemplo.

MANUEL TRINDADE

PAÇO DE SOUSA No passado domingo realizou-se um desafio de futebol, entre Gaiatos e Atlético Club de S. Romão. O Grupo visitante veio numa grandiosa excursão, de vinte camionetes. Os gaiatos ganharam por 3-1. Os gaiatos formaram: Bartolo; Constantino, Manuel e Teixeira; Prata e Sérgio; Jacinto, Carlos, Durães, Gari e Malacia. Golos marcados por Durães 2 e Sérgio.

Muito agradecemos à Associação do Hoquei em Campo do Porto, que teve a amabilidade de nos oferecer uma bola, do dito desporto, pedido que fizemos num dos últimos números do «Famoso» e, ao mesmo tempo dizendo que nos ofereciam também um livro das Regras. Pois mandem, que nós muito agradecemos.

A respeito de stiks... vamos jogando com paus à sorte...

Em nome dos da Tipografia, muito obrigado a todos.

JULIO GOMES

AQUI, LISBOA!

Continuação da 1.^a página

São do mês de Maio os seguintes donativos:

De um senhor que todos os anos aqui vem *desobrigar-se*, 500\$; da Av. Duque d'Avila 50; de uma seminarista para os pobres, 20; de um doente 50; 120 litros de petróleo da Sacor. A Direcção já falou, aguardamos a resposta da Casa do Pessoal.

Uma cama de ferro, uma carteira e quadro escolar. 500 para alcançar uma graça urgente, com um confiado «Dai e dar-se-vos-á». Que Deus o tenha ouvido

100 por alma de António José; 100 dum sacerdote; 20 em cumprimento duma promessa; 500 de um casal amigo; roupas e latos; 1 195\$ dos empregados da Vacuum e 350\$ dos mesmos; 315\$50 dos Produtos Lácteos.

Muitos pacotes de mercearia e 100 das alunas da Escola Académica que nos visitaram e 200 de uma excursão de gente modesta de Atouguia da Baleia.

40 dentro dum documento oficial — A Bem da Nação.

No Montepio, mais uma carrada de pacotes, dois mil e setecentos escudos destinados a esta casa, ao Barredo e Conferências, e dois mil e duzentos escudos de assinaturas. Os visitantes andaram pelos três mil. Da Fundação de Oeiras vieram mais peças fundidas de cozinha que revelam a técnica da Empresa. Da Soja L da, seis quilos de semente que vamos ensaiar. Do Tojal dez quilos de carne, enchido do Matadouro Municipal de Loures e muito pão, ratado no peso, de brigadas de fiscalização.

Dedicção digna de apreço e a de algumas senhoras que vêm aqui buscar roupa para remendar em casa, e mais dois dias de trabalho de costura de outra senhora, em cumprimento duma promessa.

Finalmente uma preciosa embalagem de 150 ampolas de proclina do Instituto Lus-Farmaco, inúmeras caixas de injecções e outros medicamentos dum ilustre clínico e valiosos instrumentos cirúrgicos por intermédio da nossa dedicadíssima do Senhor Doutor Pinharanda.

Maio terminou aqui.

PADRE ADRIANO

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Enquanto não possuímos mais algum dinheirinho continuamos a distribuir apenas 10\$00 a cada bico, semanalmente.

Já demos mais; tanto, que chegamos a atingir um déficit de três contos de réis!

Vimo-nos; forçados, então, a reduzir. Não podíamos aguentar mais o pesado fardo...

Era para os mais necessitados, uma ajuda estupenda, os 20\$00 por semana. Muita coisa faziam com eles, pela sua elasticidade... Mas ainda esperam, confiantes, que haja um leitor que dê um empurrão dos grandes, afim de que possamos retomar o caminho que trilhávamos. Vamos a ver.

Para hoje temos 40\$00 da Maria de Lourdes do Lobito.

Mais:

«Os confrades da conferência de S. Pedro e S. Paulo do Seminário Conciliar de Braga felicitando a conferência da «Casa do Gaiato», enviam esta pequena lembrança, 70\$00».

De Maria Seixas Arrepia de Lisboa 20\$00. O Senhor Doutor Tavares, do Porto, mandou 25\$00. De Guimarães 100\$00. E mais nada.

Júlio Mendes

O LAR DO PORTO

Naquela tarde, estando sobre as mesas do refeitório um modesto copo d'água, oferta de gente amiga, eu compareci e a casa inaugurou-se. Um postigo diz para a cozinha da casa antiga, de forma que temos um único serviço em duas casas diferentes. Nesta que ora se abre, vivem os grandes e na que estava, os pequenos.

À hora em que esta escrevo ainda ninguém respondeu ao nosso apelo para roupas e camas, com que havíamos de mobilar a nova residência; e hoje venho solicitar uma mesa de ping-pong, jogos de damas e dómínó. Tudo quanto seja útil e capaz de prender rapazes numa casa de portas abertas. Não me deixem de braços abertos.

P. S. — Já recebemos 4 camas vestidas.

Adquira o

«Isto é a Casa do Gaiato»
— II VOLUME —

Não se reserve para a última hora! Assim como o primeiro, o segundo volume está quase esgotado!

Faça hoje o seu pedido num simples postal à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA